

A tradução – o ‘a favor’ e o ‘contra’¹

Walter Benjamin²

Quando, uns dias atrás, passei pelos buquinistas, caiu-me por acaso à mão a tradução francesa de um livro filosófico alemão. Folheei-o como se folheiam os livros no cais, procurei as passagens das quais me havia ocupado com frequência e pormenorizadamente — que surpresa. As passagens não estavam lá.

O senhor quer dizer que não as encontrou?

Encontrá-las, sim, encontrei-as. Mas quando as encarei, tive o embaraçoso sentimento de que elas me reconheciam tão pouco quanto eu as reconhecia.

De que filósofo exatamente o senhor fala?

Falo de Nietzsche. O senhor sabe que ... o traduziu.

A tradução, tanto quanto sei, é muito apreciada.

Seguramente não sem razão. Mas o que me estranhava [*befremdete*] nas passagens que me foram íntimas não era um déficit da tradução, mas sim algo que talvez até mesmo represente sua vantagem: o horizonte e o mundo em torno do próprio texto traduzido foram trocados e eram eles próprios franceses.

O mundo ao redor de um texto filosófico parece-me ser o mundo do pensamento, situado para além de todos os caracteres nacionais.

Não há um mundo de pensamentos que não seja um mundo de linguagem, e vê-se de mundo apenas aquilo [*man sieht nur das an Welt*] que é pressuposto pela linguagem.

O senhor quer dizê-lo no sentido de Humboldt, que estava convencido de que alguém, durante todo o tempo de sua vida, estaria sob a anátema de sua língua materna, que vê e pensa por ele.

¹ Tradução de Leonardo Uderman. Doutorando em Filosofia pela Universidade NOVA de Lisboa. E-mail: leonardouderman@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3641-338X>

² Em 1935 ou 1936, Walter Benjamin e Günther Anders conceberam juntos um diálogo sobre os problemas da tradução, que pretendiam transmitir na rádio francesa. O título em francês — *La traduction – le pour et le contre* (“A tradução – o ‘a favor’ e o ‘contra’”) — explica-se por isso, embora a transmissão jamais tenha sido realizada e o esboço fragmentário redigido por Benjamin em alemão jamais tenha sido desenvolvido e traduzido ao francês. Para além do caráter incipiente do texto, as falas não estão identificadas, de modo que Anders, quando teve acesso ao manuscrito em 1971, já não era capaz de determinar o que provinha dele e o que provinha de Benjamin. No entanto, o documento é valioso tanto para uma compreensão da maneira como Benjamin pretendia apresentar suas ideias para o público não especializado da rádio quanto pelas interessantes ideias concernentes à natureza e à função da tradução.

O senhor efetivamente crê que neologismos, tal como eles destacam a linguagem de Nietzsche, têm um autêntico alcance concernente ao pensamento [*gedankliche Tragweite*]?

Um alcance concernente ao pensamento, sim, porque um alcance histórico. Quando Nietzsche distorce brilhantemente a língua alemã, ele vinga-se do fato de jamais ter vindo a existir efetivamente uma tradição linguística alemã — exceto na tênue camada da expressão literária. As liberdades que a língua deixava, ele tomou-as para si uma vez mais para apontá-las à língua. E a distorção da língua alemã significa, em última instância, a crítica ao inacabamento do homem alemão. Como pode esta situação linguística ser traduzida a uma outra língua?

Depende — por mais estarrecedor que possa soar — do modo como a tradução [*Übersetzung*] é aplicada [*eingesetzt*]. Não nos enganemos: a tradução é, antes de tudo, uma técnica. E por que não deveria, como tal, combinar-se com outras técnicas[?] Penso aqui, antes de mais, na técnica do comentário. A tradução de trabalhos significativos tem tanto menos chances de ter êxito quanto mais se esforçar para elevar sua função tecnicamente servil a uma forma de arte autossuficiente.

Essa feliz forma de tradução, que no comentário presta contas a si mesma e faz do fato da diversa situação linguística também seu tema, desafortunadamente perdeu-se em crescente medida nos tempos modernos. Teve seu apogeu numa época que vai das traduções de Aristóteles na Idade Média até as edições bilingues comentadas dos clássicos no século XVII. E justamente porque a diversidade da situação linguística era concedida, a tradução podia tornar-se eficaz, parte integrante do próprio mundo. Mas, ainda assim, parece-me imensamente problemático o emprego desta técnica em textos poéticos.

O que fala a favor da tradução?

Progressos da ciência em escala internacional (a língua universal latina, leibniziana)

Valor pedagógico das grandes obras escritas do passado

Libertação do prejulgamento da própria língua (O salto por sobre a própria língua)

Controle dos movimentos espirituais simultâneos nos povos diversos. “Será então uma falha que haja múltiplas línguas?” Negação. Wilhelm von Humboldt: diversidade da construção linguística.

Limite: não-necessidade de tradução [*Übersetzungsunbedürftigkeit*] da música.
Lirismo: o mais próximo da música — as maiores dificuldades de tradução.

Limite da tradução na prosa — Exemplos

(Valor de más traduções: mal-entendidos produtivos)

O fato de um livro vir a ser traduzido já cria, em certo sentido, seu mal-entendido. Jean Christophe — na maioria das vezes, é selecionado aquilo que também poderia vir a ser escrito na própria literatura.

[Karl Christian Friedrich] Krause na Espanha.

Desatenção quanto às nuances.

Uma certa brutalidade na imagem espiritual.

Conectar a mais alta conscienciosidade com a maior brutalidade.

Aquelas palavras de Stresemann proferidas com pretensão ridicularizadora — “Fala-se francês em todas as línguas” — são mais sérias do que ele pretendia, pois o sentido da tradução é, em geral: representar a língua estrangeira na própria língua.

Referência

BENJAMIN, Walter. La Traduction – le pour et le contre. In: _____. *Gesammelte Schriften* VI. Frankfurt am Main: Surhkamp, 1991, p. 157-160.

Recebido em: 26/01/2026.

Aceito em: 02/03/2026.